Tom 1º pg. 71 Nº 68 16

SERMAM
DA
RESTAURAÇAM
DA
BAHIA,

PRE'GADO
NA SE' DA MESMA CIDADE
EM DIA DOS APOSTOLOS S. FILIPPE, E SANTIAGO
PELO PADRE ANGELO DOS REIS DA
Companhia de JESV, da Provinçia do
Brasil,

OFFERECIDO
AO SERENISSIMO PRINCIPE
DOM JOAÕ
NOSSO SENHOR.

LISBOA.
Nâ Officina de MIGUEL MANESCAL, Impressor do Santo Officio. Anno de 1706.

15
07

NA OFFICINA DE MIGUEL MANESCAL Impressor.

(Ao Sñal do Gallo) Anno de 1562.

LISBOA.

NOSSO SENHOR

DOM JOÃO

AO SEREnISSIMO PRINCIPE

OFFERECIDO

E

Composta de Jesu, de Provincia do

BRAZIL

POR PADRE ANCHIETA DO SOBREDITO

EM DIA DOS APOSTOLOS PHILIPPE E SANTIAGO

NA SE DA MESMA CIDADE

PREGADO

BAHIA,

DA

RESTAURAÇÃO DAM

DA

SEGUNDA VEZ

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

SENHOR.

A VOSSA Alteſa Real como Principe do Braſil offereço as memorias da Reſtauraçaõ da Bahia principal Cidade daquelle ſeu dilatado dominio; nem para ſe perpetuar a liberdade da America conſeguida no feliciſſimo amparo do Senhor Rey Dom Joaõ Avo de Voſſa Alteſa póde haver ſeguro mais infallivel, que a ſombra de Voſſa Alteſa ſeu digniſſimo Neto.

Nem ſe julgue improprio, que ſendo a Reſtauraçaõ da Bahia em 625, & a de Portugal em 640, a ſupponhamos já effeyto daquella Mageſtade: porque o Senhor Dom Joaõ naceu Rey com o infallivel direyto do Reyno; ainda que ſe declarou depois pela occurrencia do tempo.

Commummente os fins correſpondem aos principios por humas diſpoſições occultas, que os ignorantes dizem acaſos, & os advertidos julgaõ myſterios; nas infelicidades por exemplo contaõ as hiſtorias a Conſtantinopla ganhada por hum Theodoſio, & perdida por outro; & para a felicidade Portugueza ficará exemplar a Reſtauraçaõ do Braſil, por o Senhor Rey Dom Joaõ, & a ſua conſervaçaõ por Voſſa Alteſa com o meſmo nome, com o meſmo valor, com as meſ-

mãs virtudes, & com a meſma fortuna; tendo-a Voſſa Alteſa ainda aventejada no Pay que lhe deu o ſer ElRey Noſſo Senhor, que Deos guarde, Dom Pedro ſegundo, ſem ſegundo; & no Avo deque tomou o nome o Senhor Dom Joaõ o IV. Primeyro entre todos os grandes Monarcas do Orbe; pois a ccreſcem à ſua eſclarecida arvore Real em dous taes aſcendentes mais dilatadas raizes; taõ prodigioſamente grandes, que deſde o Romano Imperio regadas, ou animadas com o realengo ſangue de todos os Senhores da Europa, neſta ditoſa Luſitania produſiraõ em Voſſa Alteſa a flor dos Principes, & flor da boa eſperança.

Tambem eſte Sermaõ ſe faz acredor da ſoberana protecçaõ de Voſſa Alteſa por lhe ſerem thema as palavras do Diſcipulo amado Joaõ, que ſignifica graça, 1. emque a de Deos eſpecialiſſimamente ſe communicou a hum, & outro Joaõ, (os principaes da Sagrada Eſcrittura) & a todos os quatro famoſos Reis do meſmo nome em o ennobrecido Emporio Portuguez; annuncio feliz, que em Voſſa Alteſa naõ he jà profecia, mas Evangelho; porque naõ deyxarà de ſer agraciado com os homens nome aſſim grato a Deos; 2. e mais quando Voſſa Alteſa por bocca do meſmo Evangeliſta 3. em bem fundadas eſperanças nos intima ditoſas poſſes.

Ser Sermaõ, ſer feſta à honra do Creador do Univerſo, 4. ſer gratificaçaõ das creaturas, ſaõ tambem circunſtancias, que invocão a Voſſa Alteſa, cujo Catholico emprego na ſua Real Cappella com devotiſſima attençaõ aos Officios Divinos, & notavel reverencia aos Sacerdotes de Deos he raro exem-

1. Joannes, ideſt gratia De interpret. nomin. in fin. Bibl.

2. Exod. 3. 21. & 11. 3. & 12. 36.

3. Iterum venio, & accipiam vos Joan. 14.

4. In principio creavit Deus Cælum, & terram. Gen. 11.

exemplo a toda a Christandade, & dezempenho dos documẽtos sagrados, 5. que promettem a Vossa Alteza o galardão devido; & comũnicado a seus venturosos vassallos: 6 porque he inseparavel da boa obra a boa ventura, 7. que em semelhantes assistencias firmou o Senhor Rey Dom Joaõ o IV. recuperador da hõra dos Portuguezes na sua prodigiosissima Acclamação; & restaurador dos louvores de Deos na mesma Sua Real Cappella, a que deu ser, fórma, augmento, grandeza, & nome; & porque Vossa Alteza he discipulo de tal Mestre, entre ambos saõ reciprocos os merecimentos, condignos os premios, 8. de que Vossa Alteza se faz dignissimo, Principena Religiaõ, Principe no Mundo, 9. empenho que eruditamente fez liçaõ ao Serenissimo Principe o Senhor Dom Theodosio tio de Vossa Alteza hum Douto do seu tempo 10.

Falando na summa veneraçaõ de Vossa Alteza para a Igreja, logo occorreu a este meu destino a nũca bem exaggerada devoçaõ de Vossa Alteza cõ a minha Sagrada Religiaõ, de que Vossa Alteza imitando a seus Reaes, & Catholicos progenitores, he notavel Protector; ou porque anima em Vossa Alteza o Illustre Sangue do Santo Francisco de Borja grande no seculo por Duque de Gandia com Deos por Capitão da Companhia de JESVS; ou porque a louvavel doutrina da Santa Rainha, que està no Ceo, mãe de Vossa Alteza faz continuarnos o unico abrigo, que na sua falta (lamentavel sempre) todos sentiriamos, se naõ nos deyxasse tantos supremos valedores, como generosos Principes; filhos juntamente das suas Reaes entranhas, & das suas soberanas virtudes. Tanta

5.
Honora Deum ex tota anima tua, & honorifica Sacerdotes. In tota anima time Dominũ, & Sacerdotes illius sanctifica. Eccles. 7. 31. & 33.

6.
In Deo honorabitur, & in medio populi sui glorificabitur; & in Ecclesiis Altissimi aperiet os suum; & in cõspectu virtutis illius gloriabitur, & in medio populi sui exaltabitur. Eccles. 24. 2. & seqq.

7.
Omne opus electum justificabitur; & qui operatur illud, honorabitur in illo. Eccles. 14. 21.

8.
Felicissimus profectò studiorum labor, cui priscorum car-

men contigit discere per parentes; & de avita laude primordia teneri pectoris erudire Cassiodor; var. lib. 3. Epist. 6. 9. Ut Principis est in omni virtute populo præire; ita in Religione; maximè quæ princeps, & caput virtutum Lips. de Religion. 10. Anton. de Sousa de Maced. Harmonia polit. p. 1. § 1. Religiaõ

Tanta hè a nossa obrigação, & tanto se publicão as prudentes maximas de Vossa Altesa, que nas distãcias de Portugal, á America não cança a fama; nem em a diversidade; de linguas se confunde a verdade; as historias acreditão a desta prodigiosa Restauração; que por não ficar menos famosa com os defeytos do Orador, providamente em Vossa Altesa lhe recupero creditos, & lhe eternizo glorias. Deos guarde a Vossa Altesa Real, como seus inuteis servos incessavelmente lhe pedimos.

O Padre Angelo dos Reis.

18
07

Iterum venio, & accipiam vos. Joan. 14.

I

LA diſſe o Apoſtolo que os ſucceſſos todos da Ley Eſcritta eraõ profecia, & figura dos que depois ſuccederaõ na Ley da Graça: *Omnia in figura contingebant illis.* E o meſmo, ſe bem notais, poſſo Eu tambem dizer hoje dos ſucceſſos primeyros da Ley da Graça em reſpeyto de algũs, que depois ſuccedèraõ. Vaſtiſſima materia ſora, ſe Eu os houveſſe de deſcrever todos; mas, para naõ faltar às obrigaçoens, que aqui me trouxeraõ, hum ſô relatarey breviſſimo, que ſerà o fundamento, & baze de tudo, o que hey de dizer. Dayme attençaõ, & vamos ao Evangelho.

1. Cor. 10.

Iterum venio, & accipiam vos. Eſtava Chriſto nas veſperas de ſe partir deſte Mundo, & vendo turbados os animos dos ſeus Apoſtolos, & feridos mortalmente de dòr com ſua auzencia: depois de varias razoens, & motivos, com que fortaleceu, & animou aquelles coraçoens pouco menos que deſmayados: accrecentou de mais a mais a promeſſa de haver outra vez de vir a aſſiſtir, & viver com elles *Iterum venio, & accipiam vos.* Demaneyra que huma promeſſa de Reſtauraçaõ aos Apoſtolos he o que ſe contem no Texto, que citey por thema. Mais claro. Com a morte de Chriſto, & ſua auzencia havia de ficar o Apoſtolado todo como cercado, & cattivo entre deſconſolaçoens, entre penas, entre ſentimentos: *Triſtes erant Apoſtoli de Chriſti acerbo funere.* diz a Igreja E que fez entaõ o Senhor? Para lhes moderar tanta afflicçaõ, prometteu que com ſua vinda outra vez, os havia de reſtaurar, & tirar da melancolia, da triſteza, da dòr: *Iterum venio, & accipiam vos.* E aſſi foy, & aſſi ſuc-

In Hymn. Apoſtolor. ad 2. Veſp.

deo. Paſſemos ao dia, & à Feſta.

O que hoje celebramos, & o motivo das graças, que a Deos devemos dar todos, he a Reſtauraçaõ deſta Populozã, & Nobiliſſima Cidade, merecedora ſò entre todas as do Mundo de ſer chamada Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos: Emporio, & Metropoli do Brazil, & primeyra vida, & Alma de Portugal. Celebramos, digo, & damos hoje a Deos as graças pela Reſtauraçaõ deſta Cidade; quando, depois de haver eſtado hum anno em poder de Holanda, os Portuguezes a reſtaurãraõ, & tiraraõ do cattiveyro. De ſorte que no Evangelho temos a Reſtauraçaõ dos Apoſtolos, & na Feſta temos a Reſtauraçaõ da Bahia. E conſideradas maduramente as circunſtancias todas da Reſtauraçaõ da Feſta, & da Reſtauraçaõ do Evangelho, digo: que a do Evangelho he a profecia, a da Feſta o complemento: a do Evangelho he a hiſtoria, a da Feſta o referido nella: a do Evangelho he a promeſſa, a da Feſta o promettido: a do Evangelho he a figura, a da Feſta o figurado: *Omnia in figura contingebant illis.* Vamos agora ponderando huma por huma as circunſtancias do caſo, & clauſulas do noſſo thema, & pòde ſer que naõ ſerà ſem ventura.

AVE MARIA.

II.

Iterum venio, & accipiam vos.

A Primeyra circunſtancia, que neſta celebridade conſidero, he a primeyra palavra, que me offerece o thema: *Iterum*, outra vez. Quem diz outra vez, ſuppoem que hà duas vezes: onde hà duas vezes, hà primeyra, & ſegunda; aſſi he. E qual he no noſſo caſo a ſegunda vez, & a primeyra? Và diante o Evangelho; porque em tudo o havemos de ſeguir.

A primeyra vez, que veyo Chriſto para viver na companhia dos Apoſtolos, & aſſiſtir com elles, foy quando a primeyra vez veyo ao Mundo, & naceu em Belem: a ſegunda, que he a de que falla o Evangelho, foy quando, depois de reſuſcitado, ſe uniho de novo à meſma companhia dos Apoſtolos, & viveu com elles: reſtaurando os coraçoens

ens de todos, & tirando-os do lethargo, em que viviaõ com ſua auzencia, & do horror, & ſombras da morte, em que ficàraõ. De ſorte que, quando appareceu Chriſto nacido, entaõ veyo a primeyra vez: & quando appareceu reſuſcitado, entaõ veyo outra vez: *Iterum.*

O meſmo proporcionalmente paſſa com a Bahia. Quando os Portuguezes, vindo da Luſitania ao Brazil, lançàraõ os primeyros fundamentos deſta Cidade, entaõ foy a primeyra vez, que a ella vieraõ. E a ſegunda foy quando depois vieraõ a reſtauralla, & tiralla do poder, & ſugeyçaõ de Holanda, de quem eſtava cattiva. Em duas palavras: para a Fundaçaõ da Bahia vieraõ os Portuguezes a primeyra vez; & para a ſua Reſtauraçaõ vieraõ outra vèz: *Iterum.*

E eſte *Iterum*; eſte, outra vez; & naõ a primeyra, he o que hoje celebramos. Naõ celebramos hoje a Fundaçaõ da Bahia, ſenaõ a ſua Reſtauraçaõ. E porque? Porque na ſua Reſtauraçaõ a tornamos a recobrar depois de perdida. E quando a couza perdida ſe torna a recobrar, entaõ he que ſe celebra, & naõ quando à primeyra vez ſe alcança. Prova? Sim; & muyto verdadeyra. Naceu o Filho, que depois ſe chamou Prodigo, & naõ diz o Texto que lhe fizeſſe entaõ o Pay celebridade, nem feſta alguma: creceu, & crecèraõ tambem nelle os vicios: ſahe-ſe da caza do Pay, & auzenta-ſe delle, fugitivo, loco, depravado. Paſſàraõ os annos; eis q̃ volta outra vez para caza o Prodigo: *Venit ad patrem ſuum.* E que ſuccedeu entaõ? Diz o Evangeliſta que o recebeu o Pay com feſta, com deſpezas, & com banquetes eſplendidos: *Et cæperunt epulari.* Aqui reparo. *Luc. 15.* *Ibidem.*

Quando o Prodigo voltou para caza, era Filho ſim; mas era Filho rebelde, mal conſiderado, & deſobediente, ou pouco ſugeyto a ſeu Pay: quando naceu, naõ ſò naõ era viciozo, mas era bem viſto, & amado do meſmo Pay, como o ſaõ todos os filhos varoens nas cazas dos Principes. Pois, ſe quando naceu, naõ feſtejou o Pay o ſeu nacimento; porque celebra, & feſteja a ſua volta para caza? Arazaõ a pontou jà o Grande Meſtre dos Prègadores, o Doutiſſimo Vieyra, muyto a ſeu, & meu intento, & he a meſ- *Viey. t. 3. pag. 219.*

Luc. 15. ma, que refere o Texto: *Perierat, & inventus eſt.* Fez o Pay feſtas, quando voltou o Prodigo, & naõ quando naceu; porque quando voltou, tornava-o a recobrar depois de perdido: *Perierat, & inventus eſt.* E he a meſma razaõ, que vou dizendo. Naõ celebramos a Fundaçaõ da Bahia, ſenaõ a ſua Reſtauraçaõ; porque quando ſe reſtaurou, entaõ ſe tornou a recobrar depois de perdida; & quando a couza perdida ſe torna a recobrar, entaõ he que ſe celebra, & naõ quando a primeyra vez ſe alcança: *Cæperunt epulari: Perierat, & inventus eſt.* Deyxo a alegria, & applauzo, com que recebèraõ os Magos a ſua Eſtrella depois de perdida, porque naõ quero multiplicar mais paſſos. Vamos à razaõ da minha razaõ.

Porque mais ſe hade celebrar aquillo, que ſe recupera depois de perdido, & naõ quando a primeyra vez ſe alcança? Porque todas as couzas, antes de ſe perderem, entaõ ſe eſtimaõ, & amaõ menos; & quando ſe recuperaõ depois de perdidas, entaõ ſe eſtimaõ, & amaõ mais. Criou Deos o Paraizo Terreal, & poz nelle a Adaõ, para que o guardaſſe: *Poſuit eum, ut cuſtodiret illum.* Gen. 2. Peccou Adaõ enganado pela Serpente, & ficou cattivo da meſma Serpente elle, & mais o Paraizo. Vede agora como ſe houve Deos neſte paſſo. Vey o abayxo, lançou dalli fòra a Adaõ, a Heva, & a Serpente; & ficou o Paraizo reſtaurado. Mas que Guarda lhe poz entaõ? Aqui eſtà o noſſo ponto. O guarda, que entaõ poz Deos ao Paraizo, foy naõ menos que hum Querubim vigilante, & armado de huma eſpada de fogo na maõ direyta, que plantado à porta o guardaſſe, & defendeſſe do Inimigo: *Collocavit ante Paradyſum Cherubim, & flammeum gladium.* Gen. 3. Naõ ſey ſe reparais na diverſidade deſtes Guardas. Antes era Guarda do Paraizo hum Homem, & agora hade ſer hum Anjo, & naõ ſò Anjo, mas Querubim, que he Anjo mais perfeyto: *Collocavit Cherubim?* Sim, hade ſer Querubim.

E porque? Porque Deos ſegundo a eſtimaçaõ que faz das couzas, aſſim lhes poem os Guardas mayores, ou menores. Antes de ſe perder o Paraizo, poz-lhe por Guarda hum Homem, porque ainda entaõ o eſtimava menos: *Poſuit eum, ut cuſtodiret illum*; depois

depois de reſtaurado, poz-lhe por Guarda hum Querubim, porque jà entaõ o eſtimava mais: *Collocavit ante Paradyſum Cherubim.* Porque todas as couzas, antes de ſe perderem, entaõ ſe eſtimaõ, & amaõ menos; & quando ſe recuperaõ depois de perdidas, entaõ ſe eſtimaõ, & amaõ mais. E para que naõ duvideis que eſte he o verdadeyro ſentido do Texto, Eu o provo. Ainda eſtamos na criaçaõ do Mundo. Deos he certo que mais ama, & eſtima a Luz, do que as Trevas. Por iſſo das Trevas naõ diſſe que

Gen. 1. eraõ boas, & da Luz diſſe que era boa: *Vidit Deus Lucem, quòd eſſet bona.* Mas que ſe ſeguio daqui? Seguio-ſe que à Luz, que eſtimava mais, deu-lhe por Guarda, & Preſidente

Ibidem. o Sol, que he o Mayor Planeta: *Luminare mayus, ut præeſſet diei*; & às Trevas, que eſtimava menos, deu-lhes por Guarda, & Preſidente a

Gen. 3. Lua, que he Planeta Menor: *Luminare minus, ut præeſſet nocti.* Demaneyra que Deos à aquella couza, que eſtima mais, dà-lhe o melhor Guarda, & o melhor Preſidente; & dà o menor, & inferior à aquella couza, que eſtima menos. Bem. Logo ſe ao Paraizo, depois de reſtaurado, lhe poz Deos por Guarda, & Preſidente hum Querubim; & antes de ſe perder, lhe poz hum Homem: vede ſe tenho fundamento Eu para dizer que eſtimava menos a eſſe Paraiſſo, antes de ſe perder: *Poſuit eum, ut cuſtodiret illum*; & depois de reſtaurado o eſtimava mais: *Collocavit ante Paradyſum Cherubim.*

E qual ſerà a razaõ deſta razaõ? Porque ſe hade eſtimar mais a couza, quando ſe recuperà depois de perdida, do que antes de ſe perder? A razaõ he eſta: porque tudo aquillo, que ſe eſtima, para que ſe eſtime, hade ſer conhecido por bom: & o bom naõ ſe conhece por bom, ſenaõ depois que ſe perde. Tornemos à criaçaõ do Mundo, & ao Paraizo. *Ecce Adam factus eſt quaſi unus ex nobis ſciens bonum, & malum*; ſaõ as palavras, que diſſe Deos fallando de Adam, depois que peccàra. Agora ſim, jà ſaberà Adam, & conhecerà o bem, que tinha. Agora? E atègora naõ conhecia eſſe bem Adam? Naõ conhecia. E porque? Porque ainda o naõ havia perdido. Notay. Em quanto eſteve Adam no Paraizo, antes de peccar, tinha ſciencia natu-

Domi-num dixiſſe ea verba non iro-nicè, ſed in ſenſu vero, exiſtimat D. Ambroſ. Tertul. & alii apud P. Benedictum Fernandes tom. 1. in Geneſ.

ral, & ſobre natural de todas as couzas; & com tudo ainda naõ conhecia o bem, que ali gozava: depois que peccou, porque entaõ perdeu eſſe bem, entaõ he que o conheceu, & ſoube que era bom; porque o bom naõ ſe conhece por bom, ſenaõ depois que ſe perde: *Ecce Adam ſciens bonum, & malum.* E por eſta meſma razaõ; iſto he; porque o bom naõ ſe conhece por bom, ſenaõ depois que ſe perde: *Ecce Adam ſciens bonum*; por iſſo, quando ſe recupera, entaõ ſe eſtima: *Collocavit ante Paradyſum Cherubim*; & entaõ ſe celebra, & feſteja: *Et cæperunt epulari.* E como a Bahia (vamos agora colhendo tudo) & como a Bahia, antes de eſtar cattiva, era hum tal bom, que por naõ ſer ainda perdido, & recobrado, nem era conhecido por bom, nem eſtimado: & depois de reſtaurada, era bom, que por ſer recobrado depois de perdido, jà era conhecido por bom, & como tal eſtimado; por iſſo celebramos hoje naõ a ſua Fundaçaõ, ſenaõ a ſua Reſtauraçaõ: naõ a primeyra vez, que a ella vieraõ os Portuguezes; ſenaõ quando vieraõ outra vez: *Iterum.*

III.

A Segunda circunſtancia, que neſta Reſtauraçaõ conſidero, he a ſegunda clauſula, que me offerece o thema: *Venio*, a brevidade. Naõ diſſe Chriſto aos Apoſtolos *Veniam*, Eu hey de vir, para vos reſtaurar: naõ lhes fallou de futuro; mas, para lhes ſignificar a brevidade, com que havia de voltar, fallou-lhes de preſente: *Venio*, Eu venho jà: ficay, que cedo, & logo nos veremos: jà aqui eſtou outra vez com voſco: naõ cuydeis que hey de tardar; porque jà volto, & jà venho: *Venio.* E aſſi foy. Havia Chriſto promettido de reſuſcitar depois de tres dias: *Oportet Filium Hominis poſt tres dies reſurgere*; & quando Eu imaginava que eſperaſſe o Senhor pelo fim do dia terceyro, vejo que na madrugada delle reſuſcitou, muyto ante manhã: *Valde mane.* Parece que o alvo, para que ſò olhava Chriſto em ſua Reſurreyçaõ, ou na Reſtauraçaõ dos Apoſtolos, era a brevidade. Naõ ſe deteve o Senhor, nem gaſtou mais tempo em reſuſcitar, doque em quanto foy a ſua Alma a dar o aviſo aos Santos Padres, que

Marc. 8.

Marc. 16.

Sym-bol.

que o eſperavaõ: *Deſcendit ad inferos.* Deu o aviſo, & voltou logo, ſem tardar, ſem ſe deter, ſem eſperar pela tarde, ſenaõ logo de manhã, & muyto de manhã: *Valde mane*, & com toda a brevidade: *Venio.* Eſta he a profecia; vamos ao complemento della.

Bem ſupponho que ſabeis todos que foy breviſſimo o tempo, que paſſou, para ſe reſtaurar à Bahia: ainda naõ chegou a hum anno inteyro: ſò em quanto foy o aviſo a Portugal, & veyo, eſteve a Bahia em poder dos Holandezes; & tudo ſe fez antes de hum anno. Naõ ſe deteve a Fidalguia Portugueza, nem eſperou mais tempo: ſoube que eſtava tomada a Bahia, veyo logo a reſtauralla: *Venio.* Depois de cattivo o Paraizo com ſeus Habitadores, & ſugeytos ao poder do Demonio disfarçado na Serpente; ſoube deſte ſucceſſo Deos, que os havia creado em ſua natural liberdade, & que fez? No meſmo ponto veyo logo a

Gen. 3. reſtaurallos, ſem mais detença, nem demora alguma: *Cum cognoviſſent ſe eſſe nudos, & cum audiſſent vocem Domini deambulantis in Paradyſo.* Notay a brevidade. *Cum cognoviſſent ſe eſſe nudos*, eyllos ahi cattivos; *Et cum audiſſent vocem Domini de ambulantis in Paradyſo*, eis ahi Deos Reſtaurador, para os libertàr. Mas tudo ſem demora, & ſem intervallo algum; tudo no meſmo dia, & na meſma hora: *Cum cognoviſſent, & cum audiſſent.* Tal foy a brevidade, com que ſe reſtaurou o Paraizo; & tal a brevidade, com que ſe reſtaurou a Bahia: nem Deos là ſe deteve, ou eſperou mais tempo; nem cà os Portuguezes eſperàraõ mais, ou ſe detiveraõ: ſouberaõ, & vieraõ logo: *Venio.*

E neſte logo, neſte *Venio*, neſta brevidade eſteve o preſagio melhor da boa fortuna, que experimentàraõ. Porque vieraõ logo, vieraõ a tempo, & aproveytàraõ; ſe tardaſſem mais, ou jà naõ haviaõ de vir a tempo, ou, ſe ainda vieſſem a tempo, talvez lhes havia de ſer mais difficultoſa a vittoria. *Seró medicina paratur, cum mala per longas convaluére moras*, diſſe là o Poeta: quando a enfermidade ſe apoſſou, & a poderou das veas, & membros do corpo, porque os remedios tardàraõ; ou jà naõ aproveytaõ os que entaõ ſe lhes applicaõ; ou, ſe aproveytaõ, he com muyta difficuldade. E tal havia de ſer

Ovid. lib. 1. de Rem. Amor.

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Biblioteca Central
12, 07

a Reſtauraçaõ da Bahia, ſe tardaſſem mais os Portuguezes, & naõ vieſſem logo, como vieraõ. Vede o que pedia David a Deos. *Citó anticipent nos miſericordiæ tuæ* : Senhor, o que agora vos peço, he que me acudais cedo com voſſa miſericordia. Naõ pedia que lhe acudiſſe ſòmente, ſenaõ que lhe acudiſſe cedo: *Citó*; porque no cedo julgava ter certo o bom ſucceſſo, que eſperava: *Citó anticipent nos miſericordiæ tuæ*. Se os Portuguezes naõ acudiſſem cedo, & naõ acudiſſem logo; haviaõ de a poſſarſe mais da Cidade os Inimigos, haviaõ de a poderarſe mais della, haviaõ de profundar mais as raizes, haviaõ de dobrar, & engroſſar mais as forças: & por todas eſtas razoens, ou ſenaõ havia de reſtaurar, ou havia de ſer mais difficultoſo, & mais cuſtoſo reſtaurar-ſe a Bahia: *Seró medicina paratur, cum mala per longas convaluere moras.* Porèm todas eſſas duvidas, todas eſſas difficuldades, todos eſſes cuſtos ſe evitàraõ, como logo veremos, porque os Portuguezes naõ tardàraõ, antes vieraõ logo, & ſem detença: *Venio.*

Pſalm. 78.

Ora vejamos a Reſtauraçaõ da Bahia em huma ſemelhança muyto propria, & muyto natural. Aſſim como hà Mundo Material, aſſim hà tambem Mundo Politico. O Material todos ſabeis que ſe compoem de Ceo, & Terra: o Politico de Reynos, & Monarquias. Iſto ſuppoſto. Creou Deos o Mundo Material, creou o Ceo, & a Terra; & no Ceo poz o Sol, & a Lua, (que ſaõ os dous Mayores Planetas) para que foſſem os dous olhos do meſmo Ceo: *Mundi Lumina.* Mas com huma circunſtancia notavel, que he a que agora nos ſerve. Entrepoemſe as ſombras da Terra (como ſuccede muytas vezes) entre eſtes dous olhos, ou entre eſtes dous Planetas; & por cauza deſta entrepoſiçaõ eclipſa-ſe a Lua, cobre-ſe de horrores, & trevas, en luta-ſe, & veſte-ſe de negro: & ſò entaõ apparece outra vez de gala, branca, & alegre, quando a deſeclipſa o Sol. Mas como? Agora o direy. Paſſa-ſe o Sol de huma parte para a outra; quero dizer: ſe eſtando o Sol deſta parte da Terra, que ſe oppoem em meyo, naõ communica à Lua ſeus rayos, & a naõ deſeclipſa com ſua natural velucidade, ſe paſſa em breviſſimo tempo deſta parte para eſtoutra; & no

Virg. Georg. lib. 1.

no meſmo ponto ſe deſcobre a Lua,& apparece ſem eclipſe, ſem luto, ſem ſombras. Demaneyra que naõ ſe detendo o Sol, antes correndo ligeyro, & paſſando-ſe deſta parte para eſtoutra, aſſim lança da Lua as trevas, & a reſtaura, & reſtitue outra vez aos ſeus reſplandores. Agora ao noſſo caſo, & à noſſa Reſtauraçaõ.

Já diſſe aſima que o Mundo Politico ſe compoem de Reynos,& Monarquias: agora digo que, aſſim como no Mundo Material hà Ceo, & Terra; aſſim no Mundo Politico todos os outros Reynos ſaõ, & ſe podem chamar a Terra:& ſò hum he, & ſe pòde chamar o Ceo. E qual he eſte? Naõ hà duvida que he o Reyno de Portugal, & ſuas Conquiſtas. E ſenaõ vede. O Ceo no Mundo Material tomou-o Deos para ſi, & para ſeu aſſento: *Cælum cæli Domino*; & a Portugal com tudo o que pertence a ſeu dominio, tambem o tomou para ſi Deos no Mundo Politico, para Monarquia ſua, & para Reyno ſeu: *Imperium mihi.* Aõ Ceo daõ os Authores commummente o nome de Puro: *Cælum Purum*; a Portugal,& a todas aquellas partes, onde habitam os Portuguezes, ſe lhe dà tambem o nome de Puro: *Fide Purum.* Do Ceo diz o Profeta que o ama Deos ſobre todas as outras moradas ſuas: *Diligit Dominus portas Sion ſuper omnia Tabernacula*; & eſte meſmo privilegio, de ſer hum Reyno ſingularmente amado de Deos, ſe concede,& nenhum o nega a Portugal, ſobre todos os outros Reynos: *Pietate dilectum.* Naõ he iſto verdade? aſſim he. Logo quaſi indubitavelmente ſe ſegue que Portugal, & ſuas Conquiſtas he o Ceo do Mundo Politico. Eu pelo menos aſſi o julgo, & tenho por certo. Agora vos peço a attençaõ.

Pſal. 113.

Pſal. 86.

Aſſim como no Ceo do Mundo Material poz Deos o Sol,& a Lua, que ſaõ os dous olhos deſſe Ceo: *Mundi Lumina*; aſſim tambem no Ceo do Mundo Politico poz a Liſboa,& a Bahia,que ſaõ os dous olhos deſſe Ceo: *Mundi Lumina.* Já vejo que me perguntais de caminho: qual deſtes dous olhos he a Lua, & qual he o Sol? Mas tambem de caminho vos reſpondo:ſeja embora Lisboa o Sol; pois àlem dos Rayos da Fidalguia, & Nobreſa,que a illuſtraõ, & de outras Cidades muytas,a que

*** como

...er Pu-
...m to-
...antes
...git
...equos
Hor.lib.
1.carm.
Od.34.

como a Luzes prefide, he mayor: *Luminare maius, ut præeſſet diei*; porque a Bahia, naõ ſe pòde negar que he a Lua, naõ ſò por ſer menor: *Luminare minus*, mas por ſer fundada, & nacida entre as trevas, & ſombras da Gentilidade, para as diſſipar, & deſtruir: *Ut præeſſet noƈti.* E adverti que lhe naõ faço à Bahia injuria alguma com lhe chamar Lua, ou com lhe chamar menor; porque por iſſo naõ deyxo de lhe chamar grande igualmente como o Sol, ou como Lisboa; & a prova eſtà do meſmo Texto. Creou Deos no Ceo Material o Sol, & a Lua; eſta menor: *Luminare minus*; aquelle mayor: *Luminare maius.* Mas repiro Eu que a ambos chama o Texto igualmente grandes: *Fecit duo Luminaria magna.* Pois ſe aquella he menor, & eſte he mayor, porque lhe, chama, & dà a ambos igualmente o nome de grandes: *Luminaria magna?* Porque ambos muyto ſemelhantemente eſpalhaõ ſuas luzes ao Ceo, & o illuſtraõ com ſeus reſpládores: *Ut præeſſet diei: Ut præeſſet noƈti*; & porque ambos ſaõ taõ ſemelhantes no luzir, por iſſo a ambos igualmente dà o meſmo nome; por iſſo a ambos igualmente chama grandes: *Fecit duo Luminaria magna.* E como eſte Sol, & eſta Lua, de que vou falando: como Lisboa, & a Bahia, com muyta ſemelhança huma à outra, illuſtraõ, & afermoſeam a Monarquia de Portugal, ou o Ceo do Mundo Politico; por iſſo digo que à Bahia lhe naõ faço injuria, chamando-lhe Lua: porque, quando lhe chamo Lua, lhe chamo grande igualmente como o Sol, ou como Lisboa: *Fecit duo Luminaria magna.* Mas vamos com a noſſa ſemelhança.

Gen. 1.

Poſta a Bahia, poſta eſta Lua no Ceo do Mundo Politico, eclipſou-ſe, & eſcureceu-ſe, quando veyo ao poder, & ſugeyçaõ de Holanda: entaõ ſe vio cuberta de ſombras entre as trevas da Heregia, & pravida de Holandeſa: entaõ ſe veſtio de luto, & poz ſobre ſi hũa nuvẽ preta de dor, de triſteſa, de amargura. E q̃ fez então o Sol? Que a Fidalguia de Lisboa? Paſſou-ſe ſem demora algũa daquella para eſta parte, da Luſitania para o Braſil: & aſſim deſeclipſou a Lua, & lãçou della as ſombras: reſtaurando a Bahia, & reſtituindo-a de novo à ſua primeyra liberdade, à ſua primeyra fermoſura, ao ſeu primeyro luſtre,

luſtre, ao ſeu primeyro luſimento. Là o Sol Material corrẽdo veloz, & ligeyro : cà o Sol Politico ſem ſe deter, nem tardar hũ ponto : *Venio.*

IV.

A Terceyra finalmente,& ultima circunſtancia, q̃ neſta Reſtauraçaõ muyto cõſidero,he a terceyra tambem, & ultima clauſula, que nos propõem o thema : *Accipiam vos*,a muyta facilidade, com que os Portuguezes entràraõ ſegunda vez à poſſe da Bahia,& a reſtauràraõ. Eſta meſma circunſtancia, ſe bem ſe adverte, temos tambem na Reſtauraçaõ dos Apoſtolos, que vamos ponderando. Eſtavaõ os Apoſtolos no dia da Reſurreyçaõ encerrados, ou enterrados no Cenaculo: & eſperavaõ a vinda deChriſto,como lhes havia prometido. Reſuſcita em fim o Senhor,chega ao Cenaculo : & ſem ruido,nem ruina, penetrando ſubtilmẽte as portas, entrou,& ſaudou a todos, lãçando[como jà diſſe]de todos a triſteſa,& melancolia:& reſtituindo-os outra vez ao jubilo,& alegria,q̃ antes de ſua morte experimẽtavaõ:*Cum fores eſſent,Clauſæ, venit Jeſus, & dixit eis:Pax vobis;& gaviſi ſunt viſo Domino.* Eſta he a figura; vamos agora ao figurado.

Joan. 20.

Chegàraõ à Bahia os famoſos Reſtauradores, lançàraõ ferro,puſeraõ cerco à Cidade : & com naõ muyto eſtrondo de algũa Artelharia, que jugàraõ, ſe introduſio nos Animos ſitiados tão conſideravel ſuſto, & temor,(diz a Hiſtoria)que deſde logo ſe confeſsàraõ todos vencidos, & entregàraõ a Cidade aos Vencedores:que entràraõ ſegunda vez à poſſe della ao primeyro de Mayo do Anno de mil & ſeiſcentos & vinte & ſinco : dia para os Portuguezes ſempre memoravel por tanta felicidade, & conſagrado à memoria dos Glorioſos Apoſtolos Saõ Felippe,& Santiago, que tambem hoje celebramos. Mas que muyto que cõ tão pouca difficuldade reſtauraſſem a Bahia os Portuguezes, ſe he ella a Lua,& elles o Sol? Notay.

Cond.da Ericey. tom. 1. lib.2.

Deſeclipſa o Sol, ou reſtaura a Lua,reſtituindo-a outra vez aos ſeus reſplandores,mas com muyta facilidade. Tanto que paſſa o Sol(como jà vimos) de huma parte para a outra,moſtra roſto, & opõem fronte a fronte com a Lua; & recebendo eſta delle

as luzes, apparece deſcubertãmente clara, riſonha, & alegre. De maneyra que reſtaura o Sol a Lua ſò com lhe moſtrar o roſto. E os Portuguezes reſtauràraõ a Bahia ſò tambem,(a bem de dizer) ſò tambem com lhe moſtrarem o roſto. Lede a Hiſtoria; mas em quanto aledes,torne o Parayſo. Veyo Deos a reſtaurar o Parayſo,de q̃ ſe tinha ſenhoreado o Demonio: & como o reſtaurou? Cõ duas palavras: reprehẽdeu a Adaõ, & a Heva: amaldiçoou a Serpente: lançou-os dalli fòra, (como depois diziamos) & ſem mais eſtrondo ficou o Parayſo reſtaurado. Agora ponderay comigo a Deos reſtaurador, & aos Portuguezes tambem reſtauradores: Deos reſtaurador do Parayſo, os Portuguezes reſtauradores da Bahia: Deos, que ſò com o vir reſtaurou; os Portuguezes, que baſtou ſò que vieſſem para reſtaurarem: *Accipiam vos.*

Mas, porque Deos neſte paſſo rendeu, & ſugeytou o poder do Demonio: & os Portuguezes rendèraõ, & ſugeytàraõ o poder dos homens; paſſemos do Parayſo a Jeruſalem, & com o devido reſpeyto façamos a comparaçaõ entre Deos ſugeytando a homens, & os Portuguezes ſugeytando tambem a homens; & falemos de Cidade a Cidade. Agora avultarà bẽ a mayor gloria, & credito dos Portuguezes. *Cogitavit Dominus diſſipare murum filiæ Sion: tetendit funiculum ſuum, & non avertit manum ſuam á perditione: lyſuxitque antemurale: & murus pariter diſſipatus eſt.* Decretou & deliberou Deos vencer, & ſugeytar a Cidàde de Jeruſalem, & render os Animos rebeldes de ſeus Habitadores; & naõ ceſſou por eſpaço de ſettenta annos, nem deſiſtio jà mais de a combater: *Tetẽdit funiculum ſuum, & nõ avertit manum ſuam á perditione. Per hunc funiculum accipit ſeptuaginta annos captivitatis*, diſſe com Theodoreto, & Ruperto Santo Thomas. Porèm ainda naõ eſtà ponderado. Paſſados os ſettenta annos do primeyro combate, reforçou Deos o poder; & entaõ poz por terra os muros, & antemuraes, & deſtruhio, & arrazou a Cidade: *Luxit que antemurale: & murus pariter diſſipatus eſt.* De maneyra que para vencer Deos, & trazer a ſugeyçaõ o Povo de Jeruſalem, que naõ lhe obedecia, gaſtou ſettenta annos inteyros: *Per funiculum accipit ſeptuaginta*

Threu. 2.

Theodoret. Rupert. D. Thom. apud. Alapid.

ginta annos captivitatis. Deſtruhio os Muros, poz por Terra os Edeficios, arruinou as Torres: tudo extorçõestudo eſtrõdos, tudo batarias. E osPortuguezes,para ſugeytarẽ os Habitadores,q̃ à violẽcia ſe haviaõ apoderado daBahia, naõ lhes foy neceſſario nem ainda hum anno inteyro: em menos de hum anno os rendèraõ,sẽ deſſolaçõeſ,sẽ eſcalas,sẽ eſtragos,ſem ruinas. Là Deos (ſegũdo o q̃ ſe nos repreſenta)cõ grandes difficuldades: cà os Portuguezes ſem nenhum trabalho: *Accipiamvos.*

E aſſim devia ſer; porque pelejavaõ da parte dos vencedores,naõ ſò os Portuguezes, como atègora diſſemos; mas os Sãtos Todos,de quem eſta Bahia tem o nome;& com elles o Salvador, de quem eſta Cidade tem o titulo: *Ci-*
Judic.5. *dade do Salvador, Bahia de Todos os Santos.* Na batalha de Bàrac diz a Sagrada Eſcrittura,que ſe pelejava da Terra & juntamente do Ceo: *De Cælo dimicatum eſt.* E tal foy a batalha na Reſtauraçaõ da Bahia. Da Terra pelejavaõ os Portuguezes com as armas: do Ceo pelejava o Salvador, & mais Santos com a interceſſaõ. Aſſim o moſtrou o effeyto. Porque tão pouca reſiſtencia da parte dos vencidos confeçava,& reconhecia da parte dos vencedores poder muyto ſuperior ao Humano. Alèm de que naõ ſe pôde negar que neſta occaſiaõ ſahiſſe com o ſeu Exercito a Campo o Salvador; pois elle meſmo ſe appellida Capitaõ,& General contra os Inimigos da Fè,& da ſalvaçaõ: *Ego Propugnator ad ſalvandum.*

E daquì ſe ſegue, que in- *Iſai.*
tercedendo o Salvador, & 63.
mais Santos,& pelo bom ſucceſſo das noſſas Armas; mais devemos a vittoria aos meſmos Santos, & ao Salvador, do que aos meſmos Portuguezes. *Videte,filiæ Sion, Re-* *Cant.3.*
gem Salomonem in diadimate, quo coronavit illum mater ſua: Vede, filhas de Jeruſalem, vede ao Rey Salamaõ coroado com o diadema, que lhe deu ſua mãy. Supponho que todos eſtais jà na duvida. Quem coroou a Salamão;(como conſta do Texto)foy David. privou da Coroa a Adonias ſeu filho mais velho, & a deu,& poz na cabeça de Salamaõ tãbem ſeu filho mais moço: *Rex David Regem conſtituit* *3. Reg.*
Salomonem. Pois ſe David foy 1.
o que deu a Salamaõ a coroa, como diz agora o meſmo Salamaõ,

Salamaõ, de quem saõ as palavras, que referì, que o coroou naõ seu pay, senaõ sua mãe: *Coronavit illum mater sua?* Mas já dey na razaõ, ou já deu nella o Grande Vieyra: Porque ainda que David foy o q̃ coroou Salamaõ Bersabè sua mãe, como taõ valida do mesmo David, foy a que com sua intercessaõ lhe impetrou, & cõseguio a coroa. *Tu juraſti ancillæ tuæ: Salomon filius tuus regnabit post me*, disse, & presentou como Memorial a mesma Bersabê, intercedendo por Salamaõ a David: Lembray-vos, Rey, & Senhor meu, que me prometteſtes, & ainda jurastes, que meu filho Salamaõ vos havia de succeder no Reynado. E porque por esta intercessaõ julgou Salamão que mais devia a coroa a Bersabè, do que a David; por isso disse, & publicamente protestou que a coroàra naõ David, senaõ Bersabè; naõ seu pay, senaõ sua mãe: *Coronavit illum mater sua.* E porque tambem (como he de crer) por intercessaõ do Salvador, & mais Santos alcançàraõ os Portuguezes a victoria, de q̃ vamos tratando; por isso digo q̃ mais a devemos aos mesmos Sãtos, & ao Salvador, do q̃ aos mesmos Portuguezes.

Viey. t. 11. pag. 514

Ibidem.

Mas se entre estes Santos todos hà algum ou alguns, de quem se possa dizer com especialidade que he sua esta victoria, & esta Restauraçaõ, Saõ os dous Glorioſos Apostolos, Saõ Filippe, & Santiago: & por nenhũa outra razaõ, senaõ sô, porque foy conseguida, & alcançada determinadamente no seu dia. Ouvì a Prova. Todas as obras, & acçoens de Christo, em quanto viveu neste Mundo, foraõ obras de Christo, & do Amor de Christo: *Cum dilexiſſet ſuos.* Com tudo, sô as do tempo de sua Payxão, & morte se chamão com especialidade acçoẽs, & obras suas, & do seu Amor: *In finem dilexit eos: Vehementer dilexit eos.* E porque? Por nenhuma outra razaõ, senaõ sô porque foraõ estas feytas, & obradas pelo mesmo Christo no dia, & na hora sua, & do seu Amor: *Quia venit hora ejus.* Todos os Sãtos, (como vimos) entrãdo nesse numero os dous Glorioſos Apostolos S. Filippe, & Sãtiago, intercedèraõ pela Restauraçaõ da Bahia. Mas, porq̃ a naõ conseguiraõ os Portuguezes no dia de algum outro Santo, senaõ no dia determinadamente dos Apostolos

Joan. 13.

Ibidem. Euthym. apud. Alap. ibidem.

Ibidem.

Saõ

Saõ Filippe, & Santiago, ao primeyro de *Mayo*; por iſſo he ſua, & toda ſua, & eſpecialmente ſua eſta Reſtauraçaõ, & eſta vittoria: a elles com eſpecialidade lha devemos, & lhes devemos a muyta facilidade, & quaſi nenhuma reſiſtencia, com que a alcançàmos: *Accipiam vos.*

V.

ACabouſe-nos o thema, & eu tambem devèra acabar aquï o Sermão; mas ainda me reſta ſatisfaſer a hum eſcrupulo, que muyto hà me acompanha; & he eſte: A celebridade, que hoje faſemos em Acçaõ de Graças pela Reſtauraçaõ da Bahia, naõ a haviaõ de faſer os Portuguezes de cà, ſenão os de là; naõ a Bahia, ſenaõ a Luſitania & a raſaõ he: porq̃ a Luſitania, & os de là foraõ, & ſaõ os mais intereſſados neſta Reſtauraçaõ; & naõ ſò por huma raſaõ, ſenaõ por muytas. Agora entendereis, porque no principio do Sermão chamey à Bahia *Primeyra vida, & Alma de Portugal.* E paſſemos da Metafora dos olhos, de que jà fallàmos, à Metafora da Alma, de que agora falaremos.

As couſas, que mais animão huma Monarquia, ſaõ duas: a Fidalguia, & as riqueſas; mas as riqueſas primeyro. A Fidalguia ennobrece-a: as riqueſas dourm-na; a Fidalguia he o ſangue, as riqueſas ſaõ a Alma das Monarquias. Se naõ tiver huma Monarquia riqueſas, por mais que tenha Fidalguia, naõ hade manear os braços; mas, ainda que tenha fidalguia, ſe tiver muytas riqueſas, hade prevalecer contra hum Mundo inteyro. Eſta verdade he tão certa, que naõ neceſſita de mais prova. Agora dizeyme: Donde vaõ as riqueſas para a Luſitania? Naõ pergunto bem: Donde vão as mayores riqueſas para a Luſitania? Naõ ſe pòde negar que vaõ da Bahia. Digão-no tantas Frotas, & tão opulentas, que ſahindo deſte Porto, vão pagar tributo às ondas do Tejo, & faſem creſcer o ouro das ſuas arèas com as riqueſas, que de cà lhe levão. Digam-no os Contratos tão tos, & tão groſſos, que aqui ſe remattão todos os annos: & tantas outras rendas, & tributos, de que à Luſitania ſe lhe ſeguem tam crecidos emolumentos. Emfim, para naõ gaſtarmos mais tempo, de là tem a Luſitania o luſtre da Fidalguia: de cà lhe vay o po-

Quod que ſuo Tagus amne verit, fluit ignibus aurum. Ovid. lib. 2. Metam.

o poder das riquezas,que a animõ,& sustentão, paraque não caya,& pereça.

E nem a mesma Lusitania isto nega; antes o deve confeçar, & já confeça. Vio Saõ Joaõ hum final grande no Ceo:era huma Mulher vestida do Sol, & calçada da Lua: *Signum magnum apparuit in Cælo: Mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus.* Esta *Mu-*
Apocal. 12. *lher* naõ faltou já quem di-
Viey.t. 12.pag. 259. cesse que, por estar entre lu-ses,era a Lusitania; a Lua dizem commummente que significava as riquesas: *Omnes divitias sub pedibus calearet*; &
Sylvey. nòs já atraz dissemos que si-
Ibidem. gnificava a Bahia: *Luminare Minus, ut præesset Nocti.* Como se Bahia,& riquesas, tudo fosse a mesma cousa. Mas porque tinha a Mulher debaxo dos pès a Lua? Sabeis porque? Porque a Lusitania sempre cuydou,& cuyda que tras a Bahia por bayxo dos pès. Mas se assim o cuyda; isso mesmo he confeçar que a Bahia lhe serve de Estribo, em que se sustenta, para que naõ caya,& pereça: *Luna sub pedibus ejus ut Mulierẽ* (Notay) *Ut*
Aleaçar apud. Alapid. Ibidem. *Mulierem sulciat, & sustentet,* accrescenta hũ grave Expositor deste lugar.

Outra razaõ. He mais interessada a Lusitania na Restauraçaõ da Bahia; porque perdendo a Bahia, perdia a todo o Brasil:que todo havia de ser de Hollanda,se a Bahia se naõ restaurasse. Essa he a condiçaõ,ou sorte (naõ sey se diga infelice) da cabeça; que sempre os membros padecem com ella a mesma fortuna. *Herodes Rex turbatus est,* *Matth. 2.* *& omnis Jerosolyma cum illo,* naceu Christo, turbouse Herodes. Naõ está aqui o meu reparo. Que se turbe *Herodes*,& q̃ se afflija, porque teme perder a coroa com o Nacimento de Christo;bem está, ou mal está: mas que se turbe tambem, & perturbem com elle os Cidadãos de Jerusalem: *Et omnis Jerosolyma cum illo*, porque? Porque era Herodes cabeça: *Herodes Rex*; os Cidadãos eraõ seus membros; & sempre os membros padecem com a cabeça a mesma fortuna: *Herodes Rex turbatus est, & omnis Jerosolyma cum illo.* E sendo a Bahia Cabeça do Brasil,& as mais partes delle membros desta Cabeça:todo, & todas as havia de perder a Lusitania no caso,que a Bahia se naõ restaurasse; porque naõ se restaurando a Cabeça,todos os membros havião de ser cativos:

Et

Et omnis Jeroſolymacum illo.

Outra raſaõ. He mais intereſſada a Luſitania neſta Reſtauraçaõ; porque no caſo, que a Bahia padeceſſe a ſugeyçaõ de Hollanda, tambem Liſboa naõ eſtava ſegura. Naõ ſey ſe digo muyto; mas provavel he que aſſim foſſe. A raſaõ politica, & verdadeyra deyxo aos Eſtadiſtas: darey ſô a que he mais coherente com o que tenho dito. Jà vimos q̃ Lisboa, & a Bahia ſaõ as duas Almas, & os dous olhos, q̃ illuſtraõ, & animão o Reyno, & Monarquia de Portugal. E ſendo duas Almas num corpo: *Erunt duo in carne una*; pe-
Gen. 2. recendo huma dellas, tambem a outra havia de perecer naturalmente. E ſendo dous olhos do meſmo corpo; havia de padecer hum o que o outro padeceſſe. E a raſaõ he porque os olhos, ainda que ſaõ dous, de tal ſorte ſaõ uniformes, & proporcionados hum como outro, q̃ naõ ſaõ dous, ſenaõ hum ſô. *Vulneraſti cor*
Cant. 4. *meum, ſoror mea ſponſa, in uno o-*
of. *culorum tuorum*: trasladão
em. outros: *In unitate oculorum tuorum*: porque os voſſos olhos, Eſpoſa minha, ſendo dous, por ſua boa uniformidade, & proporçaõ, naõ ſaõ dous, ſenaõ hum ſô; por iſſo me roubàraõ o coraçaõ, diſſe là o Eſpoſo Divino à ſua Eſpoſa. Mas ainda Job (quanto eu imagino) o diſſe mais claramente. *Et oculi mei conſpecturi ſunt, & non alius*: os meus olhos hão de ver a meu Creador, & naõ outro. Havia de dizer: os meus olhos, & naõ outros; mas os meus olhos, & naõ outro? Sim. Porque como ſe uniformavaõ os dous olhos de Job, & proporcionavaõ em olhar para o Creador: *Conſpecturi ſunt*; poſto que foſſem dous diſtintos: *Oculi mei*; por raſaõ deſta uniformidade, & proporçaõ jà naõ eraõ dous, ſenaõ hum ſô, & o meſmo: *Et non alius*. Sendo pois eſtas duas Cidades de Lisboa, & Bahia: ou ſendo eſtes dous olhos da Monarquia de Portugal tam uniformes, tam proporcionados, taõ parecidos; & ſendo por iſſo naõ duas couſas, ſenaõ huma ſô: *In unitate oculorum*; & naõ diverſas, ſenaõ meſma: *Et non alius*; era muyto natural, & ainda infallivel, que padecendo a Bahia o cattiveyro de Hollanda, tambem Liſboa o padeceſſe.

Vede agora, ſe por todas eſtas raſoens he mais intereſſada a Luſitania neſta Reſtauraçaõ, do que nòs ſomos. E porque he a mais intereſſada

nella, a ella lhe toca, & naõ a nòs, celebralla. Quando David venceu, & matou ao Gigante: quem mais intereſſava naquella victoria, naõ era o Exercito de Iſrael, que eſtava em Campanha; porque como Guerreyro, podia bem pelejar, & defenderſe: quem intereſſava mais nella, era o Povo, que havia ficado nas Cidades; porque como incapaſes para a Guerra, na morte do Filiſtheu intereſſavaõ a mayor ſegurança de ſuas vidas. E que ſuccedeu? Naõ celebrou, nem feſtejou a victoria o Exercito de Iſrael, que intereſſava menos; ſenaõ o Povo das Cidades, que intereſſavão mais: *De univerſis urbibus Iſrael choros ducentes præcinebant: Percuſſit Saul mille, & David decem millia.* E como pelas raſoens, que apontey, ſe prova ſem controverſia que a Luſitania he a mais intereſſada na Reſtauraçaõ da Bahia; não à Bahia, ſenaõ à Luſitania lhe compete celebralla: naõ a nòs, ſenão a elles pertence dar a Deos por ella as devidas graças.

1. Reg. 18.

Mas nòs as queremos dar, & volas damos, Senhor, proſtrados a voſſos pès por tanto beneficio. Augmentay, regey, & levay adiante eſta Cidade, que por tantos titulos he voſſa. Concedey-lhe todas aquellas fortunas, todas aquellas felicidades, todos aquelles bens, que por Cidade voſſa merece. Para que confeçando-ſe os ſeus Habitadores favorecidos, & premiados de voſſa liberal mão, procurem em gratificaçaõ o voſſo mayor agrado por meyo do unico, & ſummo bem da Graça, pela qual configaõ a unica, & ſumma felicidade da Gloria: *Quam mihi, &c.*

LAUS DEO.

LICENÇAS
DO SANTO OFFICIO.

O Padre Frey Manoel da Esperança Qualificador do Santo Officio veja o Sermaõ da Restauraçaõ da Bahia, & informe com seu parecer. Lisboa vinte & seis de Janeyro de 1706.

Carneyro. Hasce. Monteyro. Ribeyro. Rocha: Fr. Encarnaçaõ.

POr mandado de Vossa Illustrissima vi este Sermaõ da Restauraçaõ da Bahia prégado na Sé da mesma Cidade pelo Padre Angelo dos Reis da Companhia de Jesus, da Provincia do Brasil, & nelle naõ achey cousa, que encontre à nossa Santa Fé, ou bons costumes. Carmo de Lisboa vinte & oyto de Janeyro de 1706.

Frey Manoel da Esperança.

O Padre Mestre Frey Manoel da Conceyçaõ Qualificador do Santo Officio veja o Sermaõ da Restauraçaõ da Bahia, & informe com seu parecer. Lisboa vinte & nove de Janeyro de 1706.

Carneyro: Hasce. Monteyro. Ribeyro. Rocha.

ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

ACaba o Author deſte Sermaõ moſtrando com a erudiçaõ com que o principiou, que a noſſa Luſitania he a mais intereſſada na Reſtauraçaõ da Bahia: como aſſim ſeja, deve o prelo deſta Cidade moſtrarſe agradecido ao engenho da Bahia, & o poder de Voſſas Illuſtriſſimas propicio, concedendo licença, para que imprimindo-ſe o ditto Sermaõ, corra por toda a parte a noticia, que naõ ſó riqueſas, mas ainda doutrina nos manda a Bahia. Lisboa em o Convento da Santiſſima Trindade Redempçaõ de Cattivos em trinta de Janeyro de 1706.

Frey Manoel da Conceyçaõ.

VIſtas as informaçoens, pôde-ſe imprimir o Sermaõ da Reſtauraçaõ da Bahia, & impreſſo tornará para ſe conferir, & dar licença que corra, & ſem ella naõ correrà. Lisboa ſinco de Fevereyro de 1706.

Carneyro. Haſce. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Fr. Encarnaçaõ.

POde-ſe imprimir. Lisboa nove de Março de 1706.

Frey Pedro Biſpo de Bona.

LI-

LICENÇAS
DO PAÇO.

O Padre Dom Joaõ de Chriſto veja eſte Sermaõ, & pondo nelle ſeu parecer, o remetta a eſta Menza. Liſboa dez de Março de 1706.

Oliveyra. Lacerdà. Vieyra.

VI eſte Sermaõ, que o Padre Angello dos Reis da Cõpanhia de Jeſus da Provincia do Braſil, prègou na Reſtauraçaõ da Bahia, que todos os annos celebra aquella Cidade, grande pela ſua opulencia, & ainda mayor pelo ſeu agradecimento; & lido, & examinado, me parece que entre os precioſos generos, com que a America enriqueçe o noſſo Reyno, póde ter eſte Sermaõ o primeyro lugar, porque nada tem que encontre o Real ſerviço de Voſſa Mageſtade, que farà o que for ſervido. Saõ Vicente de Fóra quinze de Março de 1706.

Dom Joaõ de Chriſto.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impreſſo tornarà à Menza para ſe taxar, & conferir, & ſem iſſonaõ correrá. Lisboa dezaſſette de Março de 1706.

Oliveyra. Lacerda. Vieyra.

29
07

BIBLIOTECA
1
JUN.
39
Nº DE REG 505